

DE ALGUNS DEPOIMENTOS E UM RELATO

(partes do livro inédito «1º de Maio»)

JOÃO DA SILVA RIBEIRO

Osias Ribeiro Neves

Curso de Ciências Sociais — FAFICH

porque a poesia deve ser mais que denúncia
e o poeta, como qualquer homem, tem que
assumir o seu papel histórico.

para
Isabela, minha filha
de 1 mês de idade.

«graças a Deus, comemos arroz, feijão, uns tiquinhos de
carne de segunda, ovos, tomates».

(Jornal Opinião nº 80, 20/05/74)

«Quando você tem uma noção de conjunto e dos outros
companheiros de trabalho é duro agüentar as injustiças.
A repressão é maior porque você tem consciência dela.
Fica como elemento suspeito».

(Jornal De Fato nº 18, setembro de 1977)

I

meu corpo
cansado e frágil
morrendo vem há milênios

em pedras, peças forjadas
de aço ou lataria
refeitas em cada dia
de onde sai o sustento
de muitas bocas famintas
aonde me arrebento
me estrago a cada instante
pensando a triste hora
de mostrar com «alegria»
os cacos de minha boca
pra minha nega Maria,
de brincar com os pequeninos
à noite no fim do dia
escondendo o enorme tédio
que habita este meu peito
ao saber que amanhã
novamente a covardia
de um homem
saindo ao trabalho
deixando a casa vazia
sem nada pra se comer
a não ser pão e farinha.

II

não tenho casa
não moro
escondo pelos escombros
em qualquer dessas favelas
nos cantos desse subúrbio
com uma penca de filhos
magrelos, adoecidos
que a toda hora reclamam
da vida que estão levando
e uma mulher acabada
pelas misérias da vida
que trabalha feito mula

dia e noite noite e dia
tecendo com o fio da fome
a desgraçada esperança
de ver seu velho marido
e filhos despossuídos
ganhando muito dinheiro
num emprego bom e seguro.

III

meu passo
é mais que mal dado
a derramar precipícios
a fabricar vil metal
nas peças que eu fabrico
pr'um senhor que não conheço
distante e desnaturado
que me paga um salário
de fome e de condenado.
meu braço
é mais que sabido
a construir edifícios
tecendo formas diversas
nos prédios que edifico
com pedra tijolo e barro
no prumo e na esquadria
pr'um rico senhor de barba
e carro último tipo
trepar com suas mulheres
bonitas, ricas, sadias.

IV

não lamentar esta dor
há muito nos olhos plantada
nem mutilar o semblante
há tempos dissimulado.

meu corpo é de operário
e minhas mãos calejadas
constróem a cada instante
algum pedaço de mundo.
não se perder nesta farsa
nem renegar o momento
meu compromisso é com os meus,
tristes e desesperados
mas não enlouqueço
nem me entrego à faca
pois que a história a meu lado
aponta para o futuro.

V

é João
sem
pão
e João
quer
pão
mas
o patrão
roubou
de João
a condição
de ter
o pão.

é João sem jeito
peito indeciso
guardando a mágoa
choro contido.
é João calado
cansado e torto
passo trocado
pesado e morto.

**É JOÃO COM FOME
BICHO OU HOMEM?**

é João tecendo toda a tristeza
contida firme na correnteza
do dia a dia que nunca finda .
é João tijolo cimento e barro
armando o berro pro dia claro
que com certeza amanhecerá .
é João cimento pela calçada
jogando o treze de sua vida
pelos azares da loteria .
é João tomando cedo a cachaça
pra agüentar tanta trapaça
em que tropeça no dia a dia .
é João correndo surrento e sujo
medrando medos sempre confuso
nas grandes pragas de sua vida .
é João com fome criança irada
fera ferida desesperada
gritando a sorte em plena rua .
é João pequeno fera faminta
entrando aos gritos pelo distrito
fome chibata chute e porrada .

**É JOÃO COM FOME
LIXO OU HOMEM?**

é João
sem
pão
fome
e porrada
trancafiado
na madrugada .
é João
sem

pão
boca
quebrada
corpo
cortado
por
chicotadas .
é João
morrendo
arrebentado
todo
sangrado
feito
capado .
é João
no
chão
corpo
quebrado
sangrando
feio .
Atropelado?